

A fuga da segmentaridade da Amazônia (sem rios) e do humano (sem liberdade): Um diálogo entre a transitividade das lentes poéticas de “Cântico 5” de João de Jesus Paes Loureiro e “Êxodos” de Torquato Neto.

¹Ângela Maria Vasconcelos Sampaio Góes

O rio risca a margem, arrasta a terra com seu corpo longo.

(Rafael Azevedo)

Quase não nos distinguirmos do rio.

(Virginia Woolf)

Algumas considerações iniciais

Marcadas pelo sentido das águas, e de tudo o que sempre morou nelas, as paisagens da Amazônia lembram os mais variados desejos humanos com seus fluxos repletos de mundos. Por não se colocarem diante dos olhos na condição de cenários é que elas estiveram na América Latina entre aqueles que nelas moravam e em seus imaginários, em tempos idos e no decorrer dos tempos, na forma de devir. Por isso, assim que os processos civilizatórios se instalaram na Amazônia, com suas promessas de prosperidade e desenvolvimento, cobraram um alto preço dos povos tradicionais, que imaginavam os rios e mares como manifestações de seus corpos e afazeres de cada dia.

Quando os europeus inventaram que os espaços das cidades eram a garantia de uma possibilidade de futuro, eles acabaram enganando e dizimando muitos povos, fazendo-os ingressar na história com significativas perdas. O que leva a crer que os rios e mares, após serem codificados pelo logos, acabaram servindo para justificar o risco do afogamento dos corpos, na contramão da própria simbologia do rio de Heráclito. Na mesma medida, Narciso se tornaria um exemplo a não ser seguido, ao conotar o mito ocidental que circularia dentro das culturas com a força de uma interdição que teria o poder de obrigar os humanos a distanciarem-se da natureza que os poderia matar, caso continuassem mirando-se nela. Do medo do afogamento, nasceu a história do ocidente e a narrativa que exigiria dos povos tradicionais, algumas condições para que pudessem ingressar nela entendendo suas perdas como circunstâncias positivas.

¹ Doutora em Estudos Literários pelo PPGL/UFPa a partir de 29 de agosto de 2023.

A partir do gesto de olhar no espelho, não da natureza e sim da cultura, como adesão a um modo de pertencer a um segmento do mundo ocidental, performou-se o discurso acerca do Novo Mundo totalmente fabulado, segundo Neide Gondim (1994) em *A invenção da Amazônia*, pelos europeus que interpretaram os modos de viver dos povos indígenas, a fauna, a flora, o clima e os recursos hídricos e minerais encontrados na Amazônia, no período em que alguns relatos, cartas, outros documentos e literaturas de viagens marcaram os momentos anteriores e posteriores à colonização da América Latina, com imagens de paraísos ou infernos.

Apesar do tempo correr, desde o século XVI, feito o profundo e complexo Rio-Mar da Amazônia, os discursos ocidentalistas continuaram marcados pela dificuldade de compreensão das estreitas relações entre natureza e cultura. No entanto, após a crise da modernidade é possível perceber que as fronteiras, entre os povos, vêm se tornando cada vez mais tênues, de modo que a segmentação dos mundos entre civilizados e não civilizados, colonizadores e colonizados, europeus e latino-americanos vem sendo colocada como questão, por um número grande de pensadores e poetas desde o século XX. Descolando-se do tempo do relógio, a poesia contemporânea vem resistindo às subjetivações e agenciamentos das sociedades, ao transitar entre campos e linguagens, depois que seus poetas perceberam que um afastamento em relação ao cânone, ou ao seu encerramento, era necessário. Tal como as águas dos rios e dos mares, na contramão da maneira publicitária de conceber e vender a imagem da vida, associada a um padrão de qualidade advindo do progresso das nações, os poetas brasileiros tornaram-se arautos de uma concepção de liberdade que encontra na complexa relação entre natureza e cultura, a imagem do fluxo intermitente das águas como sua simbologia.

Enquanto a subjetividade maquínica construída em torno da Amazônia, em pleno século XXI pelos discursos publicitários, permanece semelhante a fabulação dos colonizadores e dos herdeiros de suas mitologias, a poesia contemporânea vem perfazendo as vozes dos povos tradicionais e dos artistas da contracultura, por meio de percepções nas quais as imagens dos rios e mares se aproximam da ideia de comunhão cósmica com a natureza, para usarmos uma expressão de Paes Loureiro (2001) presente em *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Expressão que entendemos como sugestão de que é no diálogo entre a cultura e a natureza, repleto de rios e humanos livres, que a vida se manifesta através do imaginário no dia-a-dia. Neste tipo de possibilidade, os rios são protagonistas, tanto quanto aqueles e aquelas que moram e atravessam os seus mundos, repletos da materialidade das águas e de suas intermediações simbólicas.

Uma passagem para a memória

Levando em consideração o lugar que a memória ocupa no imaginário, façamos um breve parêntese afim de recorrer à experiência de uma viagem que fiz, juntamente com outros tantos viajantes, à vila de Balbina em janeiro de 2023. A vila construída em razão do projeto da usina hidrelétrica que leva o mesmo nome, sobre a qual também escreve Paes Loureiro (2001), está situada próxima a 174 que liga Roraima ao Amazonas. À beira da rodovia, edificada em plena ditadura militar, é possível perceber os Wamiri-Atroari interditando a passagem de veículos que atravessam a reserva deles, das 18h até as 6h da manhã, com a finalidade de proteger os animais que cruzam a mesma para caçar a noite.

Salientamos que, de acordo com as observações feitas em trânsito, não apenas os indígenas tem fechado a 174, a própria floresta está tentando retomar o lugar dela enquanto avança sobre o asfalto, desestabilizando o olhar daqueles que passam, como se quisesse transmitir uma mensagem. Imagem que, também, pode ser vista às margens da estrada que liga Presidente Figueredo à vila de Balbina. Infelizmente, em algumas das proximidades da rodovia ou da estrada, a mensagem se confirma quando contemplamos o Uatumã. O rio, importante afluente do Amazonas, que tínhamos visto correr em outro tempo e que depois vi ser represado no cenário de um grande desastre ambiental, em função da usina, continua após 33 anos assombrando aqueles que passam na condição de fantasma da modernidade.

Tanto quanto uma imagem de inferno, que animou as narrativas de muitos colonizadores, o rio tornou-se sombrio nessas paragens e mais parece um pântano ou um antimundo real, como se não existisse. O que quer dizer que o espectro do Uatumã, com árvores mortas dentro dele nas áreas da jusante, por conta do projeto de Balbina, se confunde na atualidade com algumas imagens presentes nas invenções dos historiadores espanhóis Pietro Martire d'Anghiera e Gozalo Fernández de Oviedo do século XVI e dos multiplicadores de suas leituras, já que não corresponde a um volume de águas livres. A parte do rio sacrificada, em nome da luz elétrica sem um planejamento ambiental, esta sim, é resultado de uma concepção segmentada de mundo citadino, contraditoriamente concebido como civilizado, no qual muitas espécies estão sepultadas.

Em torno da fuga da segmentaridade e de suas causas e consequências

Por razões extrínsecas de aspectos religiosos, climáticos, geográficos, econômicos, racionalistas, pré-deterministas e deterministas, após o Novo Mundo surgir do Velho Mundo Europeu, segundo Neide Gondim (1994), a Amazônia teria sido desfigurada e apresentada como um espaço adverso à vida. Não contavam os destruidores de mundos, que vieram no século XX instalar seus projetos desenvolvimentistas na Amazônia durante a ditadura militar, que um dia a poesia contemporânea brasileira desbotaria a tinta da mitologia branca, da qual fala Jacques Derrida (1991) em *Margens da filosofia*, espalhada sobre os discursos que separaram o natural e o cultural em nome do progresso. A poesia que desvelaria a morte defendida por tais discursos, ao sugerir algumas aproximações entre o desejo humano de liberdade e os fluxos dos rios e mares que se conectam a outros tantos fluxos de forma intermitente, conseguiria mostrar como expressão de vida a relação entre a natureza e o imaginário.

Segundo Félix Guattari (1998) em *Caosmose: um novo paradigma estético*, “os fatores subjetivos sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história” (GUATTARI, 2019, p.11), ganhando longo e rápido alcance mundial a partir do momento em que começaram a ser produzidos de modo maquínico. Infelizmente, a maioria dos debates acerca da preservação do meio ambiente não levam em consideração as subjetivações em torno do tema, bem como as relações sociais envolvidas, por ainda partirem de uma separação entre natureza e cultura. Separação que de acordo com o pensamento de Félix Guattari (2009), em *Ecosofia*, dificulta a percepção de que os processos civilizatórios, sustentados pelo abismo entre o natural e o cultural, tem conectado a ideia de melhoria da qualidade de vida ao afastamento dos povos tradicionais da natureza.

Visando propor um pensamento com dimensões práticas, sem deixar de ser ético-político, estético e questionador, Guattari (2009) mostra como “não basta pensar para ser, como proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência” (GUATTARI, 2009, p.17). Em sendo o ato de pensar responsável tanto pela construção de usinas hidrelétricas e de rodovias que cortam terras indígenas, quanto pela criação de modos de vida que prezem pelo cuidado com o meio ambiente, entendemos que, de acordo com tal pensamento, é preciso encontrar soluções que consigam evitar a destruição do planeta e que passem pelo entendimento de que a cultura convive com a natureza, e não em uma instância superior à mesma.

Luís Heleno Del Castillo (2021), em *Lanterna dos afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia*, aborda a relação entre a cultura Amazônica e a sua natureza ao escrever sobre o medo que sente Alfredo (personagem dos romances de Dalcídio

Jurandir) de afogar-se no rio. No referido livro, o ensaísta realiza algumas intermediações simbólicas entre a literatura, a história e a cultura, afim de apresentar a ideia de afogamento dos corpos como uma imagem atravessada por uma Amazônia repleta de culturas movediças. Ao destacar as tensões trazidas pelas idealizações ingênuas que muitos ribeirinhos nutrem, em relação às cidades, quando deixam suas ilhas e vilas à beira dos rios para residir nos subúrbios da capital, o ensaísta entende que a ideia de cultura citadina foi construída na região norte do país em oposição ao imaginário Amazônico, no qual a natureza não se encontra apartada da cultura.

Enquanto espaço projetado por meio das luzes, que abrem uma clareira na floresta, de acordo com Luís Heleno Del Castillo (2021) as cidades surgem na Amazônia como promessas de salvamento simbólico do afogamento dos corpos. Assim, não desconfia Alfredo que seu imaginário de caboclo está sendo negado pela cidade que ele idealiza antes de ir morar nela. Como o imaginário no qual vivem os encantados e os povos da Amazônia enlaça o tempo e o espaço do presente, sem que haja romantização do vivido, ele em nada se parece com a idealização. Sendo assim, o imaginário não se constitui como uma negação da vida no presente, e nem diz respeito a um outro tempo e lugar futuros, sendo o mundo das narrativas o das próprias experiências diárias.

Para Silviano Santiago (2019), em “O entrelugar do discurso latino-americano”, a literatura latino-americana, que versa sobre a convivência entre as culturas e a natureza, na contramão das práticas predatórias que destruíram e destroem o meio ambiente, desde os primeiros discursos que performaram a ideia de Novo Mundo, é aquela que “nos propõe um texto e, ao mesmo tempo, abre o campo teórico onde é preciso se inspirar durante a elaboração do discurso crítico de que ela será o objeto” (SANTIAGO, 2019, p. 37). Algo que, em “O cosmopolitismo do pobre”, Silviano Santiago (2019) discute ao mostrar que a literatura latino-americana consegue oferecer uma perspectiva sobre os discursos europeus construídos em torno de seu imaginário. Perspectiva esta, que torna possível um tipo de universalidade completamente diversa da empreendida pelo cânone ocidental e pela globalização. Esta última, como resultado da marcha capitalista, conectaria povos menos e mais desenvolvidos economicamente, por meio de hierarquias que teriam como consequência: concentrações de rendas, desmatamentos, poluições e agenciamentos da natureza. Codificação tal, que os artistas brasileiros teriam ajudado a desvelar, por perceberem o que Giorgio Agamben (2009) entendeu como um modo de encontrar, dentro daquilo que todos podem ver, o não visto obscurecido dentro das luzes do tempo presente.

De acordo com Deleuze e Guattari (2012) em “Micropolítica e segmentaridade”, dentro de *Mil platôs* V. 3, quando algum segmento, seja um coletivo ou uma pessoa ou um campo, não reitera determinadas ideologias, discursos, modos de vida, etc., que respaldam as organizações sociais instituídas por poderes verticalizados ou centralizados (nomeadas como molares), é que são desenvolvidas as experiências das micropolíticas (concebidas como moleculares). Nestas últimas, quando um indivíduo ou um grupo adere a um fluxo de *quanta*, ou seja, às experiências que escapam de toda possibilidade de enquadramento ideológico, moral ou oriundo de subjetivações institucionais, a liberdade e a vida poderão ser alcançadas como experiências possíveis. Algo que a poesia de João de Jesus Paes Loureiro e de Torquato Neto realizam como acontecimento feito de linguagem.

“Cântico 5” de Paes Loureiro e o rio que corre na Amazônia

Natural da cidade de Abaetetuba, situada no Pará, João de Jesus Paes Loureiro, para além de seus ensaios acerca da cultura Amazônica, é um poeta cosmopolita tal como entende Silviano Santiago (2019) ser o artista que consegue dialogar com diferentes culturas, sem subserviência às fontes e influências canônicas. O que quer dizer que ele oferece, através de seus poemas, um itinerário cheio de cores e formas que expressam um imaginário mesclado a um tipo de sagrado, no qual os encantados e as paisagens da Amazônia surgem como desenhos de uma estética viva. É neste contexto que o rio em “Cântico 5” surge como Rio-Mar, juntamente com todas as suas possibilidades de sugestões poéticas. Encontramos em “Cântico 5”:

Rio
de muitos nomes,
Ser
De muitas formas e fomes.

Espelho contra espelho
rio só linguagem.
Rio sim sêmen de Deus.
Amazonas
 água e lama
vogais e consoantes.
Que outro nome corre no teu leito,
se outro rio corre no teu nome?
Rio, superfície de si mesmo
e Mar além de si.
Água antes de si.
 (Inexistência)
Aceitação do vago transitório,
Nunca o mesmo,

O que uma onda sempre noutra
Vaga...
O sempre aquém amando ser-além,
Embora rio-agora quer ser rio-depois,
E escadaria de ilhas subir até o mar,
Quando contém o mar em cada gota, onda, maresia.
Predestinado rio em si crucificado.
(LOUREIRO, 2001)

No poema, o Rio-Mar como “nunca o mesmo” dialoga, horizontalmente, com o conceito criativo de fluxo de *quanta* de Deleuze e Guattari (2012), por também expressar o desejo humano de se pôr em movimento ao encontro do múltiplo, que está tanto nas águas materiais quanto na linguagem poética. Assim o Amazonas, tal como o rio de Heráclito, expressa a possibilidade de experimentação de variadas vidas, já que ao não se dobrar ao Mar de um jeito subserviente, penetrando-o, acaba compondo a matéria do qual são feitos todos os oceanos. Com o Mar dentro de si, também os afluentes que deságuam no Amazonas encontram-se com os fluxos dos oceanos e tornam-se parte da vida humana que se alimenta tanto de seus peixes, quanto de seus símbolos e conexões culturais feitas de muitas vidas e caminhos interligados, até virarem poesia.

“Êxodos” de Torquato Neto e o desejo humano de liberdade como fluxo das águas

Natural de Teresina, Piauí, Torquato Pereira de Araújo Neto é o escritor de uma obra múltipla. Embora não tenha escrito sobre a Amazônia, como poeta da contracultura, emprestou da natureza os símbolos que fazem a sua linguagem pensar, poeticamente, a liberdade humana como um mar que corre para não ser interditado pelas subjetivações morais de uma sociedade que codifica e hegemoniza tudo, até o amor. Misturando as experiências pessoais a alguns fatos da História, o poeta sugere que a maioria das pessoas nas ruas das cidades, estão atoa caminhando como mortas-vivas sem desejos, pelo fato de fugirem de seus fluxos de mar. Ao contrário delas, ele diz que prefere fugir das fugas que elas empreendem. Por isso, em “Êxodos” o mar se traduz como parte de uma paisagem que enreda o poeta em um imaginário, no qual as águas são inconstantes por correrem, como voam as aves, em direção ao caminho e não a um destino pré-determinado por uma finalidade. Encontramos em “Êxodos”:

Não mais que gente à toa nessas ruas.
por isso a fuga que eu faço, não corrompo
- disto eu sei – ambiguidades alheias.

[...]
há jardins incultivados. Há nós. A noite, o mar.
por isso a fuga que eu faço.
repara: estou em carreira,
fujo com medo da fuga e me abstenho inteirinho
de opinar sobre esses fatos. Pois é preciso que eu corra.

não há barcos.
não há velas. E as ondas que me sacodem
transportando o que não sou
de encontro às tuas paredes.
[...]
fugi. Corri levando do tempo
os minutos que sobraram. E não sobraram minutos.
nem segundos.
pra que a vida se fizesse. E tudo o mais que não foi.
[...]
sou fruto de um desespero
e me recuso a ficar.
sou ave primeiro, fato,
na escuridão desse mar.
(NETO, 2018, p.76-77).

Por não querer se parecer com as pessoas à toa nas ruas, dentro da segmentaridade dos discursos moralistas e hegemônicos, o poeta foge do racionalismo de um mundo sem razão. Sua fuga é uma espécie de não-lugar para o qual ele vai sem “barcos” e sem “velas” porque o que importa é ir como se vão as águas livres na natureza. Logo, para ele, a vida se traduz como o fluxo de *quanta* do qual falam Deleuze e Guattari (2012), ou seja, como uma busca pela transitividade. Experiência esta, que o lança na direção contrária à mentalidade de uma cultura citadina representativa da morte. Tal como a imagem transitiva das águas livres, o poeta foge do mundo dividido entre o bem e o mal e todos os demais binarismos. Na fuga para existir, a vida é sugerida como um “mar”.

Algumas Considerações finais

Por não se deixarem agenciar por subjetivações que silenciaram a natureza, seja a do imaginário Amazônico com seus rios e mares, seja a dos corpos agenciados por uma cultura citadina, a poesia dos poetas contemporâneos tem procurado expressar, através da imagem do movimento das águas, a manifestação da vida. Desta feita, a natureza aparece na linguagem de Paes Loureiro e de Torquato Neto dentro das relações entre o imaginário e o desejo de liberdade, já que passa longe das visões dos agenciamentos institucionais. Visões que concebem a natureza como produtiva e que justificam os projetos capazes de interditá-la.

As imagens do rio e do mar nos poemas, de Paes Loureiro e de Torquato Neto, se dão como sugestões de que só há vida na natureza, quando há movimento e fuga dos binarismos trazidos pelas segmentariedades presentes nas culturas. Como “Cântico 5” pode sugerir diferentes tipos de subjetivação das águas do rio, ele nos faz lembrar que os desastres ambientais, causados pela usina hidrelétrica de Balbina e pela 174, são frutos de projetos implementados por visões de mundo endurecidas por uma concepção de progresso que, além de operar através de oposições entre o desenvolvido e o primitivo, se torna perigoso por se sustentar a partir de verdades construídas pelas mídias.

Quando Torquato Neto escreveu “Êxodos” o Brasil passava pelo endurecimento da ditadura, no final dos anos 60, e a censura, sustentada pelas mídias da época, proibia as artes de apresentarem quaisquer elementos das culturas indígenas, sob o pretexto de que os povos tradicionais tinham um mau gosto. Entendendo que os ditadores estavam implementando práticas culturais predatórias que iam na contramão da liberdade que a linguagem da poesia precisava, garantir, para existir, o poeta tornou os fluxos das águas do mar uma imagem de fuga das ideologias do mundo binário. Neste aspecto, a poesia dele dialoga com a poesia de João de Jesus Paes Loureiro. Afinal, o imaginário do qual fala o poeta de Abaetetuba é composto de relações que podem ousar a vida, sem que uma espécie precise apagar a outra e sem que um mundo surja em função da devastação ou poluição do outro, longe das hierarquias próprias de uma segmentariedade citadina. Neste tipo de escrita, o desejo do artista de poder se expressar livremente é parte de um imaginário que nunca vai se confundir com um processo de idealização da vida, adiada para um futuro advindo do distanciamento do humano da natureza. Ademais, a poesia que recusa os agenciamentos é aquela que consegue sugerir as relações entre cultura e natureza dentro de uma leitura de mundo comum, onde o sonho já é a possibilidade da vida poder se dar no dia a dia como acontecimento do presente, por meio das experiências.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CASTILO, Luís Heleno Montoril Del. **Lanterna dos Afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia**. Curitiba: Appris, 2021.

DERRIDA, Jacques. “A mitologia branca”. In: DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa; Antônio Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad: Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** V.3. Trad: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

GODIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. Trad: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **Obra Reunida - Poesia**. Seleção e introdução: Benedito Nunes e Octavio Ianni. Vol.1. São Paulo: Escrituras, 2001.

NETO, Torquato. **Melhores Poemas**. Seleção: Cláudio Portella. 1ª ed. São Paulo: Global, 2018.

PEDROSA, Célia. “Poesia contemporânea: crise, mediania e transitividade”. In: **Subjetividades em Devir: Estudos de Poesia Moderna e Contemporânea**. Org: Célia Pedrosa e Ida Alves. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. “O Entrelugar do discurso latino-americano”. In: **35 Ensaio de Silviano Santiago**. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTIAGO, Silviano. “Apesar de Dependente, Universal”. In: **35 Ensaio de Silviano Santiago**. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTIAGO, Silviano. “O Cosmopolitismo do Pobre”. In: **35 Ensaio de Silviano Santiago**. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

